

ENTREVE À MESA EM:

038181

PROJETO DE LEI N.º 698 DE 1995.

PROTÓCOLO
REGISTRO GERAL LEGISL.
8799 de 20109/1995
Autuação nº 04 folhas
Ass. 

Publique-se Inclua-se em
PROJ. DE LEI Nº 698
19/10/1995
RILANDO TRÍPOLI - Presidente

FLS. N.º 01
Proc. 8799


Dispõe sobre denominação de próprio estadual, situado no Município de São Bernardo do Campo.

A Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo decreta:

Art.1.º. Passa a denominar-se "Praça Francisco Pereira Lima" o próprio estadual conhecido como Praça das Paineiras, Bairro D.E.R., no Município de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo.

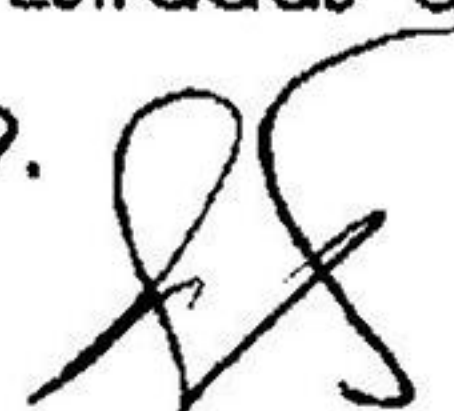
Art.2.º. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

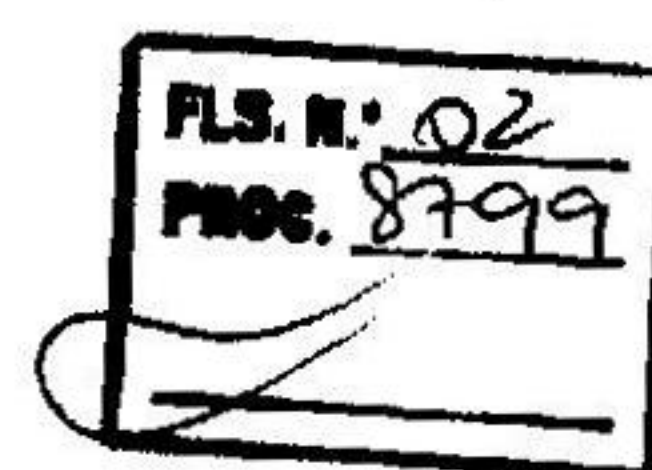
JUSTIFICATIVA

A homenagem à memória de Francisco Pereira Lima que se pretende outorgar se reveste de inteira justiça, por ter sido um homem trabalhador, honesto e excelente pai de família.

Natural de Toledo, Minas Gerais, nasceu em 2 de agosto de 1920. Foi casado com a sra. Aurora Pereira Lima, com quem teve uma filha Terezinha Pereira de Lima. Faleceu em 20 de novembro de 1992.

Foi funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem, no período de 22 de maio de 1940 a 4 de maio de 1979.





Em 1967, juntamente com outras pessoas da comunidade, idealizou o chamado "Consórcio Funeral", proporcionando a centenas de trabalhadores condições de arcar com as despesas com funerais de seus entes queridos. Esse consórcio foi um sucesso, como demonstram os recortes de jornais anexos.

Os moradores do Bairro DER reivindicam a homenagem que se quer prestar, razão de submetermos o projeto de lei à aprovação do e. Plenário deste Legislativo.

Sala das Sessões, em


WALDIR CARTOLA
 Deputado

Divisão de Ordenamento Legislativo

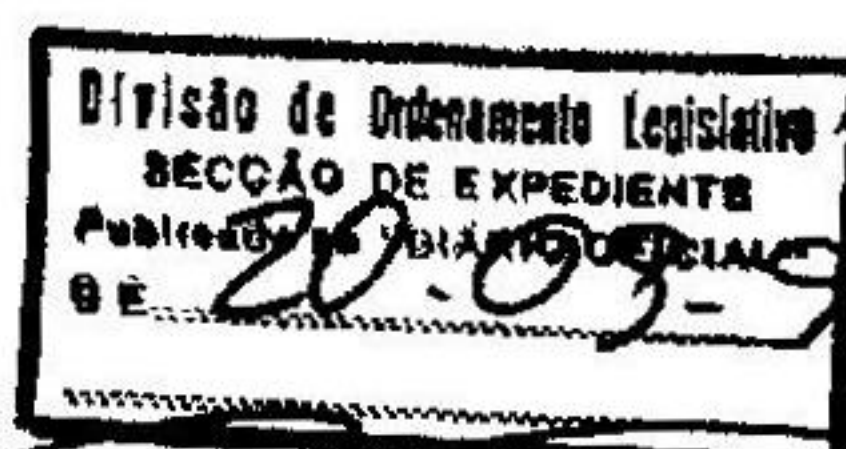
Esta proposição contém

assinaturas

SDC,

191 9 / 199 5

 Chefe de Seção



MVMM

698
M
anos
sem
pelo
fami
cent
pelo
fami
cent
pelo
fami
cent

DIG

0

ADEC

FLS. N.º 02
Proc. 8799

16 - JORNAL DA TARDE

São F

PROIBIÇÃO DO
GÁS CFC NA
COCA-COLA
Busca de alternativas

Os fabricantes de Coca-Cola em todo o mundo estão proibidos de comprar equipamentos que utilizam CFC a partir de dezembro de 94. A determinação da indústria

JORNAL DO POPOLO
16-06-1982
Proc. 8799

DIARIO ESTADUAL

Consórcio garante funeral e até o lanche do velório

SÃO BERNARDO DO CAMPO

— Um consórcio que não tem lance e sorteio, com prestação reajustada anualmente, sem dar "cano" nos sócios, vem funcionando há 25 anos na favela do DER. Trata-se do Consórcio Funeral, formado por um grupo de 197 pessoas, a maioria aposentados, com o objetivo único: resolver o problema de sepultamento dos consorciados ou seus dependentes solteiros. O consórcio não tem personalidade jurídica e, a cada 6 meses, todos se reúnem para uma análise das contas.

Atualmente o Consórcio Funeral tem, na poupança da Caixa Econômica Federal, Cr\$ 15.965.868,10, suficientes para fazer 22 enterros a um preço de Cr\$ 696.339,10 (valor até dia 30). Não existe diretoria eleita. Todos administram o consórcio, mas a conta bancária está em nome de três pessoas: Francisco Pereira Lima, um dos fundadores, José Marques Rocha Sobrinho e Givaldo Pereira dos Santos. "De janeiro até hoje não fizemos nenhum sepultamento, mas no ano passado foram 11, quase um ao mês", explicou Francisco, lembrando que 1977 "passou em branco sem nenhum enterro". O Consórcio Funeral foi criado em 1967 por um grupo de pedreiros do acampamento do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), na rua Bilac, número 11. Naquela época, quando morria alguém de família sem recursos, pessoas saíam de casa em busca de parentes para ajudar com as despesas. "Começou entre funcio-



O Consórcio Funeral, criado em 1967, tem hoje um grupo de 197 pessoas

nários do DER e depois, com a instalação da favela no bairro entraram outros sócios", esclareceu o aposentado João Antônio Leite, também fundador.

OS DIREITOS

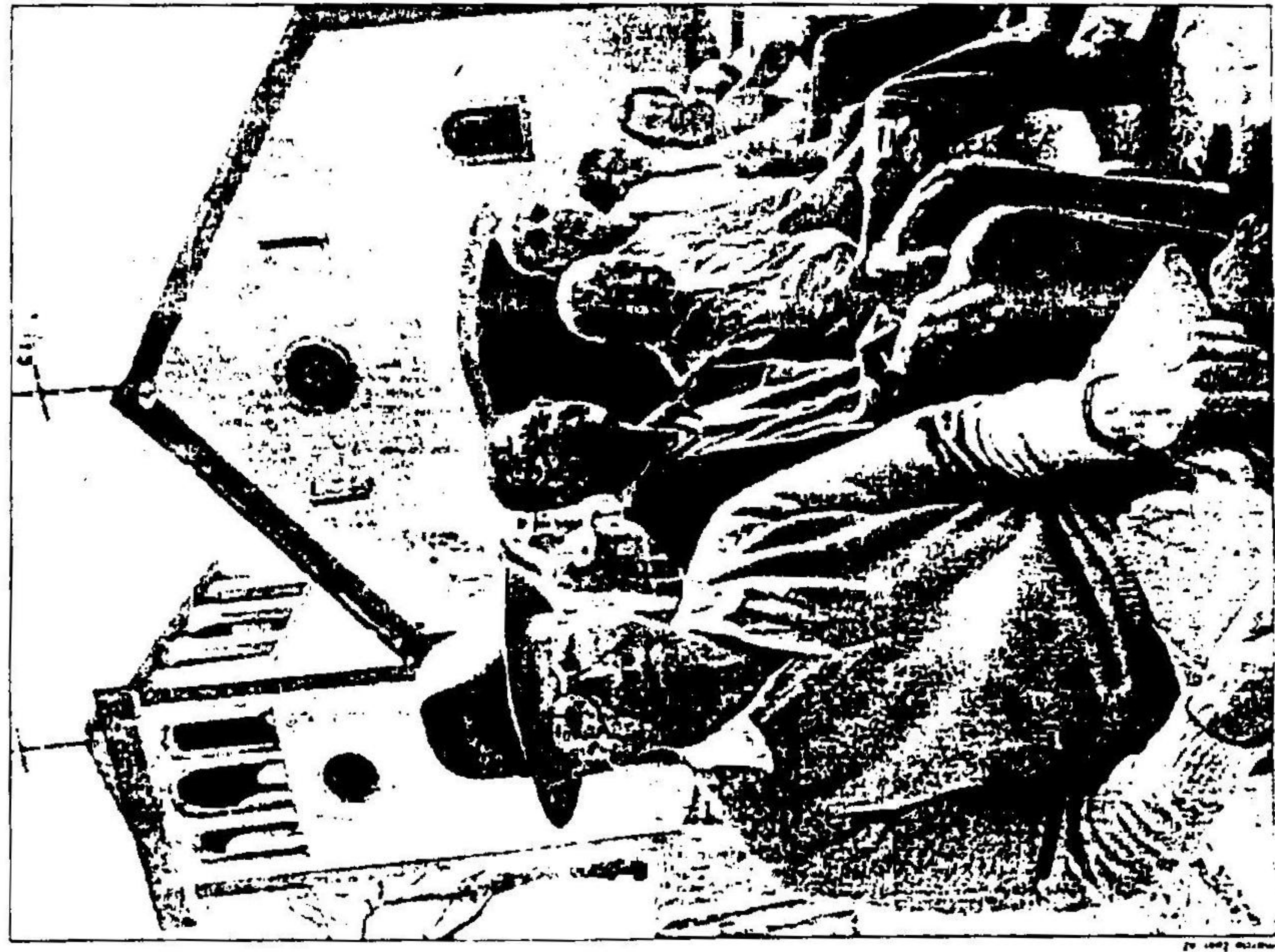
Na última reunião realizada ficou decidido que o grupo não aceitara novos consorciados, devendo permanecer só com os 197 e respectivos dependentes. Até então, para ingressar a pessoa pagava uma taxa de joinha de Cr\$ 30 mil e anuidade de Cr\$ 10 mil. Não há carência e, a partir da admissão, o sócio tem direito ao funeral (urna tipo luxo C), transporte, despesas em cartório e Prefeitura e até café com lanche para o velório se este for realizado na residência da família do morto. O Consórcio Funeral não faz o transporte de doentes para outras cidades, mas faz de

outros municípios da Grande São Paulo para a cidade sede. "Por muitos anos mudaram e continuam com os mesmos direitos", afirmou Ernesto Bispo, encarregado da secretaria, lembrando que tem um consorciado morando em Fernandópolis, "mas a família pode fazer o enterro e enviar as notas das despesas que pagamos", complementou Bispo.

O Consórcio Funeral é o único onde ninguém quer ser sorteado, mas todos cuidam com carinho do gerenciamento da receita. Francisco Pereira Lima disse que o Plano Collor quase acabou com o consórcio, pois o dinheiro foi bloqueado (R\$ 135 mil). Ele criticou também os constantes aumentos dos preços. De 91 até o dia 26 de junho atingiram 364%.

Em vida, o consórcio da morte.

NA CRISE, IDOSOS GARANTEM UM ENTERRO DIGNO EM PEQUENAS PARCELAS MENSAIS.



O consórcio de São Bernardo: 205 sócios e mais de mil dependentes.

CRISTIANE RAMALHO

Matilina Rocha Maciel (em 70 anos e há 25 pagando pingos e sem nenhum constrangimento, pelo próprio enterro. "Paguei durante muito tempo pelo jazigo no cemitério, não me sinto mal de gastar dinheiro com o meu cartão", explica essa senhora muito simples, que já perdeu um filho e o marido e só conseguiu enterrar os dignamente graças a um consórcio da morte. A ideia, que a princípio parecia um tanto estranha, existe há 25 anos em São Bernardo do Campo. E como os preços de um funeral — situação quase sempre inesperada para a família — estão pela hora da morte, o consórcio tem conquistado muitos adeptos.

Todo ano, os associados se reúnem e pagam uma taxa mensal na última lot (Cr\$ 10 mil), que vale para todos os dependentes próximos (pais, filhos, avós). Não há sorteio, evidentemente. Quan-

do morre alguém, o consórcio cobre, sem carência, todas as despesas de um enterro sem luxo. O funeral do consórcio inclui uma urna tipo C, flores, pedestal para o caixão, crucifixo, carro funerário, taxa de sepultamento, de velório e papélicas do cartão. Não cobre o valor do jazigo: usa-se a vaga gratuita e temporária (150 metros) do Cemitério Municipal.

"Venho tanta gente nos procurar que resolvemos encerrar as inscrições por um tempo", explica Francisco Bispo, 42 anos, funcionário da prefeitura de São Bernardo e um dos 9 membros da diretoria do consórcio. São 205 sócios e mais de mil dependentes. O dinheiro é aplicado e semestralmente é feita a repartição de cotas. "Nunca tivemos problemas", orgulha-se Francisco de Lima, 72 anos, o tesoureiro da turma, e um dos principais autores da criação.

O consórcio surgiu dentro do D.F.R. (Departamento de Estru-

das de Rodagem), em 1967. Funcionários que desde os anos 50 construíam com orgulho a Vila Anchieta e moravam na Vila Escolas sentiam-se pessimistas a cada morte que ocorria. Não bastasse a tristeza do momento, era preciso fazer uma "vaquinha" e recolher dinheiro de cada um para pagar um enterro razoável. "Quando morria um parente, era a mãe, vergonha sair de lázinha no meio", lembra D. Matilina.

Felizes com a segurança de morrer sem dar trabalho, os antigos funcionários do D.F.R. chamaram amigos, vizinhos e parentes para participar nas quotas. Muitos são aposentados e a morte e vista de forma absolutamente natural, como uma etapa a ser cumprida com classe. "Linha gente que mostrava o pescoço, mas mudava de ideia quando descobria que pagaria pelo funeral", era barbaça, avalia Francisco de Lima.

FUNERAIS SOCIALIZADOS

Quem pode pagar mais caro por um enterro

Quanto custa morrer? Por Cr\$ 8.900.000,00 o sujeito deixa o mundo em grande estilo (sem contar o jazigo no cemitério, cujo preço médio é Cr\$ 7 milhões). Um caixão (urna) classe A sai por Cr\$ 3.560.700,00. Deve-se incluir na conta o preço do carro que vai buscar o corpo, mais o transporte até o cemitério, a declaração de óbito, o registro de óbito e a taxa de sepultamento. Até aí, sem incluir o velório, a família já gastou Cr\$ 5.586.726,40.

O velório com aparelho de ozônio para dissipar odores, mesa de condólcios onde os parentes e amigos registram suas presenças, velas e flores, acaba custando Cr\$ 3.303.567,00. A maioria das pessoas, porém, não pode pagar. "O serviço funerário cobra muito dos que podem pagar, para custear o enterro de quem não tem posses-

explica Maria Elizabeth, assessora de imprensa do Serviço Funerário Municipal.

Há sete tipos diferentes de caixões e os serviços de enterro e velório, embora não mudem de acordo com a categoria, custam mais caro para quem opta pelo caixão mais luxuoso. Enterros são socializados. Quando alguém compra uma urna sofisticada, está pagando a mais por todo o resto. Simples, sem enterro, paga-se por uma urna apenas Cr\$ 25.500,00 e todo o enterro custa Cr\$ 202.988,64, mais Cr\$ 115.000,00 pelos aparatos do velório.

No manual de orientação do Serviço Funerário estão descritas, passo a passo, todas as providências a serem tomadas diante de um falecimento. Antes de sair de casa, quem se responsabilizar pela

ção de óbito, certidão de nascimento ou casamento, carteira de trabalho ou carne do INPS, declaração de identidade e documentação do funeral da família (se houver).

Em caso de cremação os preços são: Cr\$ 879.730,00 para a urna mais cara e Cr\$ 90.617,00 a mais barata. A urna para cinzas custa Cr\$ 41.521,00 e o aluguel da urna para frigorífico, Cr\$ 131.810,00.

As despesas não param aí. Ter retos em cemitérios municipais disputados, como o de Consolação, custam Cr\$ 4.042.860,00 o metro quadrado. Um terreno de 2.30m² x 2.30m² sai por Cr\$ 21.386.789,00. No Cemitério do Morumbi, que é particular, um terreno para três gavetas e vendi do por Cr\$ 5.722.000,00 menos a taxa de sepultamento, Cr\$ 52.000,00.

C.R.